

13 de março de 2017

O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem

**A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico
e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira**



BRASIL VOLTA AO RADAR DOS INVESTIDORES INTERNACIONAIS

A julgar pelo interesse dos participantes do PDAC 2017 no Brazilian Mining Day, o Brasil voltou ao radar dos investidores internacionais em projetos de mineração. Cerca de 250 representantes de empresas – incluindo canadenses e brasileiros – lotaram as dependências de uma sala no North Building do Metro Toronto Convention Center, onde está sendo realizada a convenção PDAC 2017, para participar de dois painéis: o primeiro sobre os novos investimentos na indústria mineral brasileira pelo setor privado e o segundo a respeito do papel do governo na mineração brasileira.

Coordenado pelo presidente da ADIMB, Edson Ribeiro, o evento contou com apresentações do embaixador do Brasil no Canadá, Denis Fontes de Souza Pinto (que fez uma abordagem sobre as mudanças que estão ocorrendo no Brasil no campo econômico); do presidente da Anglo American no Brasil, Rubem Fernandes (que abordou o projeto Minas-Rio); de Edson Ribeiro (que apresentou o projeto S11D Eliezer Batista, substituindo seu colega Leonardo Neves, da Vale); de Rodrigo Martins, da AngloGold Ashanti (que fez uma explanação do sucesso da exploração na mina Cuiabá, no Quadrilátero Ferrífero); de Renato Costa, da CMOC International (sobre a importância do Brasil na estratégia de crescimento da empresa no Brasil); de Ken Johnson, CEO da Lípari Mineração (que falou sobre o potencial do Brasil na produção de diamantes); de Tony Polglase, da Avanco (que abordou as condições favoráveis do Brasil para investimentos, citando como exemplo os projetos de cobre de sua empresa no Pará).

Pelo lado governamental, falaram o diretor-geral do DNPM, Victor Hugo Bicca e o presidente da CPRM, Eduardo Ledsham (sobre uma nova direção para o setor mineral brasileiro), o presidente da Codemig, Marco Antônio Castello Branco (que abordou o desenvolvimento de políticas e oportunidades de negócio na área mineral em Minas Gerais), o representante da CBPM, Washington Rydz Santana (que falou sobre

novas oportunidades para exploração mineral no estado da Bahia); e de Tasso Mendonça Filho, da SED/Goiás (abordando o desenvolvimento de políticas e oportunidades de negócios no estado de Goiás).

Fechando o evento, o ministro Fernando Coelho Filho disse que volta ao Brasil, depois de sua participação no PDAC 2017, “animado com o que viu e ouviu” e otimista com as demonstrações do setor. Para ele, o evento foi “um ponto de inflexão da mineração brasileira”.

Coelho Filho disse que o governo, através do MME, quer ajudar o setor privado a remunerar seu capital e que espera ter boas notícias para os representantes da mineração (referindo-se às possibilidades de mudança na política governamental para o setor) ainda ao longo do ano de 2017.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 07/03/2017



BRAZIL
PDAC 2017

BRAZILIAN MINING DAY 2017

Monday, March 6th | 2:00 PM – 6:00 PM
Room 206 B | Metro Toronto Convention Centre, North Building

I – OPENING

2:00-2:05 **Opening Remarks** - *Edson Ribeiro* - President of ADIMB
2:05-2:15 **Brazil: A Changing Country** - *Denis Fontes de Souza Pinto* - Ambassador of Brazil to Canada

II – NEW INVESTMENTS IN THE BRAZILIAN MINERAL INDUSTRY: DYNAMICS OF THE PRIVATE SECTOR

2:15-2:35 **Minas Rio: Activating a New Brazilian Iron Ore Force** - *Ruben Fernandes* - Anglo American
2:35-2:55 **S11D: A New Landmark of the Mining Industry** - *Leonardo Neves* - VALE
2:55-3:15 **Cuiabá Gold Mine: – Exploration Success in a Mature Greenstone Belt: Iron Quadrangle, Minas Gerais State** - *Rodrigo Martins* - AngloGold Ashanti
3:15-3:35 **CMOC's International Growth Strategy: Importance of Brazil** - *Renato Costa* - CMOC International
3:35-3:55 **Diamonds in Brazil: Finally Showing Their Potential** - *Ken Johnson* - Lipari Mineração
3:55-4:15 **Building a Copper Company in Brazil** - *Tony Polglase* - Avanco

III – UNDERSTANDING THE GOVERNMENT'S ROLE IN BRAZILIAN MINING

4:15-4:45 **A New Direction for the Brazilian Mining Sector** - *Victor Biça* - DNPM and *Eduardo Ledsham* - CPRM
4:45-5:00 **Development Policies and Mineral Business Opportunities in the State of Minas Gerais** - *Marco Antônio Castello Branco* - CODEMIG
5:00-5:15 **CBPM Brings New Mineral Exploration Opportunities to the Market** - *Washington Rytz Santana* - CBPM
5:15-5:30 **Development Policies and Mineral Business Opportunities in the State of Goiás: The Best Address for Mining Investment** - *Tasso Mendonça Junior* - SED/GO
5:30-5:50 **Strengthening the Brazilian Mining Sector** - *Fernando Coelho Filho* - Brazilian Minister of Mines and Energy



INVESTIDORES EM MINERAÇÃO PEDEM MEDIDAS RÁPIDAS DO GOVERNO BRASILEIRO

Para eles, essas ações são necessárias para que empresas continuem a apostar no país

Apesar do otimismo do governo brasileiro com o avanço da mineração no país, os investidores do ramo reunidos na maior feira mundial sobre o tema, o PDAC, no Canadá, exige medidas rápidas para continuar a acreditar no país ou para fazer novas apostas. — O sentimento é positivo, mas preciso de resultados rápidos — disse Andrew Storrie, britânico que presta serviços para a multinacional Anfield Gold.

Em seu projeto já foram investidos cerca de US\$ 40 milhões em uma mina de ouro no interior do Pará. Ele comprou equipamentos para operá-la e conta com 400 funcionários, mas aguarda licenças no país há mais de um ano. — Sempre me falam que a licença sairá em duas semanas, mas isso nunca acontece — acrescenta ele.

Storrie ouviu com otimismo, como outros investidores internacionais, discursos do ministro de Minas e Energia, Fernando Coelho Filho, no Canadá, mas disse que não pode esperar mais muito tempo para que seu principal investidor — Ross Beaty, conhecido como o Bill Gates da mineração — continue a apostar em seu projeto, com potencial para funcionar por dez anos.

Para Luiz Mauricio Azevedo, da Associação Brasileira de Pesquisa Mineral (ABPM), se a Anfield Gold deixar o Brasil, afastará cerca de um terço dos potenciais investidores de mineração canadenses do país — o Canada é o mais tradicional investidor em mineração do mundo, com cerca de 60% de mercado e 1.600 mineradoras listadas em bolsa.

Apesar de não haver dúvidas sobre o potencial do país — no Brasil, a mineração é feita praticamente toda na superfície e com apenas seis atividades no subsolo, onde se encontram as principais jazidas —, o cenário da mineração brasileira é complicado, por um histórico de mais de cinco anos de incertezas sobre a regulação.

Em 2012, o governo enviou ao Congresso um projeto intervencionista, que ameaçava a retirada de direitos minerários.

Nos últimos anos, Peru, Equador e Chile vêm tomando boa parte dos potenciais investimentos no país, por possuírem condições econômicas e regulatórias mais favoráveis. O índice de atratividade de investimentos minerais do Fraser Institute publicado nos últimos dias aponta que, apenas na América Latina, pelo menos Peru, Chile, México e as Guianas estão à frente do Brasil.

Em 2008, 59 empresas brasileiras tinham ações no Canada, e, agora, são apenas 17 com minas ativas. Mesmo assim, as companhias com recursos canadenses respondem por três a cada quatro quilos de ouro produzidos no Brasil.

Temos que crescer três vezes para voltar ao que já fomos — resumiu Azevedo, da ABPM.

Decreto pode reduzir preços

É por isso que o pacote busca resgatar a credibilidade do mercado brasileiro, explicou Victor Bicca, diretor-geral do DNPM. Segundo ele, o decreto a ser publicado nas próximas semanas pelo governo vai simplificar a legislação e tende a reduzir prazos.

No segundo semestre, o DNPM vai leiloar, por meio de pregão eletrônico organizado pela Receita Federal, as primeiras mil áreas disponíveis em leilão. O edital será aberto 60 dias antes do pregão, em versões inglês e português, para atrair estrangeiros. — O governo começa a ver a mineração como um mecanismo de alavancagem do desenvolvimento do Brasil — disse Bicca.

No fim de outubro, a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) também deverá leiloar quatro áreas para exploração mineral, em ações que deverão testar o apetite do mercado por negócios no Brasil. Embora o mercado seja reticente quanto ao sucesso de todos os leilões, essa será uma oportunidade de o governo de testar o apetite dos investidores e a aceitação das novas regras. — A curva de preços começou a mudar e estamos saindo do fundo do poço, mas precisamos de segurança jurídica e transparência para avançar — disse Eduardo Ledsham, presidente da CPRM.

Vencerá as áreas leiloadas pela CPRM quem se comprometer a fazer mais investimentos nas minas no prazo de dois anos, como forma de o governo acelerar o ritmo da atividade mineral no país.

Também como forma de atrair os estrangeiros, Ledsham explica que a CPRM começou agora a oferecer sem custo para os interessados levantamentos aerogeofísicos feitos de cerca de 90% do país nos últimos anos. Os dados, nos quais o governo investiu cerca de R\$ 1 bilhão nos últimos anos, ajudam a reduzir riscos nas atividades, uma vez que há mais conhecimento disponível sobre os solos.

Apesar de ter áreas com potencial minerados similares a países como Austrália e Canadá, onde a atividade está mais consolidada, no Brasil investe-se apenas cerca de 30% do valor anual desses dois países, na ponderação pelas áreas. — O Brasil não dá a mineração o espaço que ela merecer, como setor nobre para a economia e o desenvolvimento — disse Fernando Coelho Filho, ministro de Minas e Energia, destacando que o segmento é uma prioridade para o atual governo.

Cenário mundial da mineração

Depois uma onda de forte valorização das commodities na virada da década e anos recentes de freada nos preços internacionais, o cenário mundial para os minérios é de otimismo, mas com pragmatismo.

Durante a feira do PDAC nesta semana em Toronto, Canadá, analistas se intercalaram nas declarações de que o preço do minério de ferro ter atingido a marca de US\$ 90 nas últimas semanas era uma boa surpresa, mas praticamente todos veem esse preço como insustentável. Por ser um minério mais uniforme, o ferro é tido como um dos melhores indicadores da variação dos preços do setor.

Para Jon Butcher, economista-chefe da Wood Mackenzie, o cenário melhorou, mas não está róseo. — O crescimento da Europa ainda é devagar — destacou ele.

Rory Johnston, analista dos setores de mineração e energia do Scotiabank, disse que não se pode ser tão otimista com o mercado e que algo que se possa esperar para a frente é volatilidade ao longo de uma retomada na próxima década. Segundo

Johnston, porém, há alguns setores com déficit de oferta para ser otimistas, como zinco e cobre.

** O repórter viajou a convite da Agência para o Desenvolvimento Tecnológico da Indústria Mineral Brasileira (Adimb)*

Fonte: O Globo

Autor: Danilo Fariello

Data: 07/03/2017



ENTREVISTA-MARCO REGULATÓRIO DA MINERAÇÃO DEVE IR AO CONGRESSO EM SEMANAS, DIZ MINISTRO

Projetos de lei para reformar a indústria mineradora do Brasil devem ser encaminhados ao Congresso no final de março ou início de abril e podem ser aprovados até 110 dias mais tarde, disse o ministro de Minas e Energia, Fernando Coelho Filho, em uma entrevista no domingo.

Um código de mineração reformulado, cuja meta é renovar o interesse dos investidores, foi proposto pela primeira vez em 2009, mas empacou no Congresso em 2013. Para facilitar sua aprovação, o projeto de lei foi dividido em duas seções que revisam os royalties do governo e estabelecem uma nova agência reguladora.

"Estamos terminando as discussões dentro do governo, estamos muito próximos de encerrar a discussão para (as regras) irem ao Congresso", disse o ministro Fernando Coelho Filho na entrevista, concedida durante uma conferência em Toronto, que começou no domingo e vai até quarta-feira.

"Se conseguirmos encaminhar as duas, no final de março ou início de abril, (a implementação ocorreria) provavelmente de 90 a 110 dias depois disso", afirmou.

O ministro também disse que a escolha do substituto do presidente da Vale, Murilo Ferreira, cujo mandato termina em 26 de maio, também pode acontecer no final de março ou início de abril.

Os fundos de pensão estatais, como a Previ, têm um "papel importante" no processo de seleção, junto com outros sócios da mineradora Vale, disse o ministro durante a conferência.

A Vale, maior produtora mundial de minério de ferro, foi privatizada em 1997, embora o governo ainda exerça influência na empresa por meio do braço de investimento do BNDES e dos fundos de pensão.

"Por ora, ainda estamos procurando", comentou Coelho Filho, sobre o novo CEO da mineradora.

Royalties

O projeto de lei sobre os royalties provavelmente irá passar com facilidade, disse ele, porque irá aumentar os fundos destinados ao governo.

Ele irá estabelecer uma taxa flexível de 2 a 4 por cento sobre o minério de ferro, dependendo dos preços internacionais da matéria-prima do aço, segundo Coelho Filho --a taxa atual é de 2 por cento.

Os royalties sobre o cobre irão continuar em 2 por cento, os do ouro irão de 1 para 2 por cento, o do potássio irá diminuir de 3 para 2 por cento, o do fosfato irá continuar em 2 por cento, o do nióbio irá subir de 1 para 2 por cento, informou.

O financiamento da nova agência nacional de mineração virá de uma porção dos royalties, explicou Coelho Filho. É o mesmo modelo usado atualmente, embora pouco deste dinheiro vá para o órgão responsável.

O orçamento da agência pode continuar em torno de 300 a 350 milhões de reais, mas a porção da taxa de royalties ainda não foi decidida, acrescentou.

Proposto originalmente pela ex-presidente Dilma Rousseff na esperança de aumentar a renda governamental de uma então pujante indústria mineradora e ao mesmo tempo incentivar o desenvolvimento de autorizações minerais que estavam paradas há anos, o código foi criticado pela própria indústria, que o viu como uma maneira de aumentar o controle estatal sobre os recursos naturais.

Fonte: Reuters

Autora: Susan Taylor

Data: 06/03/2017



CPRM LANÇA ESTUDOS SOBRE SETOR MINERÁRIO BRASILEIRO NO PDAC

"Mines and ore deposits in Brazil" e "Geological Survey Under the Spotlight" foram lançados durante a convenção anual do PDAC com o objetivo de apresentar a mineração brasileira.

O Serviço Geológico do Brasil (CPRM) lançou, durante a convenção anual do Prospectors and Developers Association of Canada (PDAC), em Toronto, no Canadá, dois estudos com o objetivo de apresentar o setor de mineração brasileiro. De acordo com uma nota divulgada hoje (7) pelo CPRM, o mapa com informações sobre os principais depósitos minerais do Brasil, "Mines and ore deposits in Brazil" atraiu a atenção do público.

Segundo o CPRM, outro produto lançado "com grande sucesso" foi o "Geological Survey Under the Spotlight", com versão apenas em inglês, produzido a partir de dados dos projetos desenvolvidos pela empresa e que apresenta uma síntese geológica de algumas das principais províncias minerais do país.

Regiões minerárias como Carajás, Tapajós, Quadrilátero Ferrífero, Alta Floresta, Borborema (Seridó), Nova Brasilândia, NW Ceará e Gurupi, que tem potencial de exploração para minérios como ouro, ferro, cobre, magnésio, chumbo e zinco estão

no estudo de 64 páginas. Interessados em conhecer a publicação podem lê-la, em inglês, clicando [aqui](#).

Os projetos atualmente desenvolvidos pelo CPRM, por meio da Diretoria de Geologia e Recursos Minerais, buscam atender as diretrizes da instituição e do Ministério de Minas e Energia (MME). O foco dos projetos, segundo o CPRM, são as áreas com possibilidades reais de novas descobertas minerais e que possam gerar desenvolvimento social para o país.

"A CPRM está cumprindo seu papel de principal agente dinamizador do setor mineral brasileiro. Exploração mineral, para ser bem-sucedida, necessita de informações geológicas básicas de qualidade e novas ideias metalogenéticas. Essa é a pretensão dessa publicação", declara Eduardo Ledsham, diretor-presidente do CPRM, que acompanha o ministro de Minas e Energia, Fernando Coelho Filho na convenção.

No final de janeiro, uma fonte do governo disse ao Notícias de Mineração Brasil (NMB) que um dos motivos da presença do CPRM no PDAC é apresentar as quatro áreas de mineração incluídas no Programa de Parcerias e Investimentos (PPI). Segundo a fonte, as áreas de fosfato, cobre, carvão e a polimetálica, localizada em Palmeirópolis, no Tocantins, têm recebido boa procura.

"Vários investidores e fundos de investimento demonstraram interesse nas áreas de fosfato, cobre e carvão. Ficamos surpreendidos com a demanda do mercado por nossas áreas e estamos montando uma agenda no Canadá para apresentar as áreas", disse a fonte, em janeiro.

A convenção anual do PDAC teve início no domingo (5) e segue até amanhã (8). O evento reúne investidores, profissionais e representantes governamentais de 120 países, em um ambiente de negócios e debates envolvendo assuntos relacionados a aspectos financeiros e técnicos da exploração mineral. Segundo os organizadores, a expectativa para esta edição é de receber aproximadamente 22 mil visitantes.

A delegação oficial brasileira no evento, coordenada pela Agência para o Desenvolvimento Tecnológico da Indústria Mineral Brasileira (Adimb) e liderada pelo Ministro de Minas e Energia, Fernando Coelho Filho, é composta por 86 representantes do setor público e privado e conta também com a presença do Secretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral, Vicente Lôbo, do diretor-presidente da CPRM, Eduardo Ledsham, e do diretor-geral do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), Victor Bicca, além de outros representantes da SGM/MME, CPRM e DNPM.

Além dos representantes do governo, a delegação conta com representantes da Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais (Codemig), Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM) e da Secretária Estadual de Desenvolvimento de Goiás, bem como mineradoras da iniciativa privada, como Votorantim Metais, Vale, Lipari Mineração, Bemisa, Yamana, Codelco, ALS, Amarillo Gold, Anfield Gold, Five Star Diamonds, Microsurvey, Geosol e Sinmineral. Para acessar o mapa de depósitos minerais do Brasil em alta definição, [clique aqui](#).



Mapa de depósitos minerais no Brasil

Fonte: Notícias de Mineração

Data: 07/03/2017

Bloomberg

FUSÕES E AQUISIÇÕES RECUPERAM O FÔLEGO NO SETOR DE MINERAÇÃO

Bancos de investimento que atuam no setor de mineração avisam que as fusões e aquisições voltaram. As maiores mineradoras do mundo estão na caça após quatro anos de contenção.

Os três anos de queda de preços das commodities forçaram as gigantes do setor a reduzir investimentos e vender ativos para diminuir o endividamento. Quando os preços voltaram a subir no ano passado, as mineradoras começaram a abandonar a postura defensiva.

Compradoras potenciais que penaram após decisões de expansão rápidas demais ou realizadas em um mau momento voltarão a ficar de olho em alvos tradicionais: empresas menores ou mais jovens que assumem o risco de explorar e desenvolver projetos na esperança de celebrar parceria com um grande investidor.

A perspectiva de aceleração das fusões e aquisições é assunto bastante comentado entre os mais de 20.000 geólogos, promotores e investidores que participam da convenção da Associação de Prospectores e Desenvolvedores do Canadá (PDAC), que começou no domingo em Toronto e dura quatro dias.

“Agora vejo o maior movimento nos quatro anos que venho aqui”, disse Paul Knight, responsável global por metais e mineração do Barclays. “Se nossa experiência

for indicação do que está acontecendo lá fora, veremos mais atividade de fusões e aquisições no fim deste ano do que observamos nos últimos três ou quatro anos. ”

Mineradoras e siderúrgicas reduziram os investimentos para US\$ 42,5 bilhões em 2016, comparado a US\$ 123,6 bilhões quatro anos antes, de acordo com o Wells Fargo. Isso deixou muitas empresas sem opções para ampliar a produção, a não ser fazer parcerias com concorrentes.

O ritmo de fusões e aquisições no setor de mineração ainda está bem abaixo do pico atingido no início de 2012, mas as transações anunciadas nos dois primeiros meses deste ano somaram US\$ 7,6 bilhões, ou 41 por cento a mais do que um ano antes, de acordo com dados compilados pela Bloomberg. Foi o melhor começo de ano desde 2013, antes de os mercados de ouro e cobre entrarem em queda. O ágio médio nos acordos anunciados em fevereiro foi de 33 por cento, o maior desde agosto.

Os contratos futuros de ouro, prata, platina e paládio avançaram pelo menos 7 por cento neste ano. Na Bolsa de Metais de Londres, todos os principais metais de base subiram, a não ser o estanho.

Nos três meses até 3 de março, investidores aplicaram aproximadamente US\$ 4,9 bilhões em fundos negociados em bolsa que acompanham empresas de matérias-primas, superando o volume investido em fundos voltados para firmas de tecnologia, de acordo com dados compilados pela Bloomberg. Os investimentos são atraídos pela perspectiva melhor para a demanda, puxada pela estabilização econômica da China e pela promessa do presidente americano, Donald Trump, de gastar US\$ 1 trilhão em infraestrutura.

Dentro da dinâmica da mineração, é preciso substituir a produção que vai diminuindo ou as empresas entram em “modo de liquidação”, disse David Harquail, presidente da Franco-Nevada. Segundo ele, a maioria das companhias não pode esperar uma década pelas licenças e pelo desenvolvimento de ativos começados do zero, portanto a caça é focada em projetos em estágio avançado, que são escassos.

A conferência da PDAC nesta semana trouxe evidência de que o sentimento no setor mudou, com mais atividade e humor melhor do que no ano passado, de acordo com Randy Smallwood, presidente da Silver Wheaton.

Fonte: Bloomberg

Autores: Luzi-Ann Javier e Danielle Bochove

Data: 07/03/2017



GOVERNO FARÁ REFORMA NO SETOR MINERAL PARA ATRAIR INVESTIMENTOS

O Brasil dará início, até o mês que vem, a um conjunto de reformas de mineração, a fim de elevar o ritmo de investimentos do setor. A proposta começa pela retirada do Congresso Nacional de um projeto de lei enviado pelo governo anterior em 2012, considerado intervencionista, que freou principalmente as pesquisas de novas

jazidas. Ao todo, dez medidas serão implementadas nos próximos meses para que a participação da atividade mineradora na economia brasileira suba de 4% para 6% do Produto Interno Bruto (PIB), aproveitando a retomada de preços no ambiente internacional.

O ministro de Minas e Energia, Fernando Coelho Filho, detalhou ao GLOBO as medidas durante participação na maior feira mundial de mineração em Toronto, Canadá, organizada pela Associação Canadense de Exploradores e Mineradores (PDAC, na sigla em inglês).

— Apostamos nessa força reprimida, na potencialidade de criar empregos, renda, oportunidades e riqueza com a mineração — disse Coelho Filho.

Nova Agência Reguladora

Entre as medidas em discussão está o envio de uma medida provisória ao Congresso para transformar o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) em uma agência reguladora, com cerca de 50% mais servidores do que hoje. Eles ficarão encarregados de cuidar de um estoque de licenças em análise e acelerar processos, além de fiscalizar a atividade, que demanda mais controles após o desastre ambiental de Mariana (MG).

O governo também debaterá no Congresso uma nova lei para rever a Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (Cfem), o royalty do setor. As alíquotas, em geral, subirão. A maior, do minério de ferro, passará de 2% para uma variação conforme o preço do mercado, podendo chegar a 4%. Mas outros setores serão incentivados, como o de fertilizantes, cujas alíquotas recuarão de 3% para 2%. Um decreto também será editado com reformas normativas do setor, para acelerar análises e prever a possibilidade de se obter outorgas de pesquisa pela internet.

O governo quer anunciar em breve esse conjunto de medidas, provisoriamente chamado de Programa de Revitalização da Indústria Mineral. O pacote também vai prever atividade exploratória em regiões onde hoje ela não pode ocorrer, como nas faixas de fronteira por parte de empresas estrangeiras e na Reserva Nacional do Cobre e Associados (Renca). Criada em 1984, essa reserva entre Pará e Amapá é comparável a Carajás por sua potencialidade, embora seu minério mais atraente seja o ouro.

O pacote incluirá a oferta de áreas disponíveis para pesquisa no DNPM e para exploração no Serviço Geológico Brasileiro (CPRM). Ambas as ofertas podem resultar em arrecadação para o Tesouro Nacional, embora as autoridades deixem claro que a meta maior seja estimular a atividade e movimentar a economia.

Dez Mil Áreas Disponíveis

Há dez mil áreas disponíveis que o DNPM poderá oferecer ao mercado, explicou Vicente Lobo, secretário de Geologia e Mineração do MME. Essas áreas foram abandonadas, mas pesquisas podem comprovar sua atratividade. O governo pretende leiloar mil áreas no segundo semestre.

São discutidos ainda incentivos fiscais para atividades de mineração, mas não há uma definição final, principalmente com a área econômica do governo. Uma das possibilidades discutidas é incentivar a produção em minas que foram abandonadas, com uma redução pontual dos royalties ali cobrados.

Para Onildo Marini, secretário executivo da Agência de Desenvolvimento Tecnológico da Indústria Mineral Brasileira (Adimb), a mineração está entrando em nova fase, na expectativa de que o governo reduza os gargalos da atividade. A maior atenção do governo ao setor tem apoio da Fazenda e da Casa Civil, pela percepção de que a atividade, apesar de questionamentos ambientais, pode levar maior desenvolvimento às regiões.

Fonte: Extra - O Globo

Autor: Danilo Fairello

Data: 07/03/2017



VALE INICIA BUSCA DE NOVO PRESIDENTE

Os acionistas controladores da Vale, reunidos na holding Valepar, vão definir na próxima semana o nome da consultoria de "headhunter" que vai conduzir o processo de escolha do novo presidente da mineradora. Em 26 de maio encerra-se o terceiro contrato de Murilo Ferreira, que na sexta-feira reuniu a diretoria da empresa e anunciou sua saída.

Segundo apurou o Valor, a decisão dos acionistas foi contratar uma companhia de recrutamento de executivos de renome internacional. Pelo menos meia dúzia de empresas desse setor se destacam globalmente – as americanas Korn Ferry, Spencer Stuart, Russell Reynolds e Heidrick & Struggles, a suíça Egon Zehnder e a belga Odgers Berndtson.

Conforme um grande conhecedor dessas áreas, Spencer, Heidrick, Russel e Egon Zehnder são especializadas no recrutamento de presidentes para empresas.

A consultoria escolhida deverá, ao final do processo, que envolverá uma série de encontros e entrevistas com os potenciais candidatos, apontar três nomes aos acionistas da Vale, dentro do perfil traçado para ocupar o comando de uma mineradora com o peso internacional da Vale.

Pelo lado dos acionistas, estarão na linha de frente desse processo os presidentes do Banco do Brasil (patrocinador do fundo de pensão Previ, que é o maior acionista individual da Vale) e do Bradesco, respectivamente Paulo Caffarelli e Luiz Carlos Trabuco. Por meio da Bradespar, o Bradesco é o segundo maior acionista. Estão ainda no bloco de controle a trading japonesa Mitsui e BNDESPar, braço de participações do BNDES.

O contrato de Ferreira não foi renovado pelos acionistas e há cerca de um ano a sua saída da empresa já era reivindicada por parte do governo federal e grupos políticos de Minas Gerais. O executivo vai completar um período de seis anos à frente da empresa. Ele substituiu em maio de 2011 Roger Agnelli - falecido há um ano em acidente de avião. Seu nome teve a indicação da então presidente da República, Dilma Rousseff, e do ex-ministro da Fazenda Guido Mantega.

Vários nomes são apontados como candidatos ao cargo ocupado por Ferreira na maior produtora mundial de minério de ferro. Mas, na avaliação de pessoas

próximas aos acionistas, existe muita especulação e nenhuma decisão tomada sobre o novo executivo. A consultoria receberá a tarefa de fazer um processo seletivo bem criterioso.

Entre os nomes citados aparecem os de Nélson Silva (atualmente na Petrobras), Tito Martins (na Votorantim Metais), José Carlos Martins (consultor) e Eduardo Bartolomeu (conselheiro na Vale, indicado pelo BNDES. Os quatro tiveram passagem em cargos de diretoria na Vale.

Outros dois apontados Rômulo Dias (diretor do Bradesco) e Gesner Oliveira, ex- Sabesp. Os nomes de dois diretores atuais da Vale também são apontados - Clóvis Torres (próximo de Ferreira) e Luciano Siani (financeiro).

O novo presidente da Vale terá de reunir condições para conduzir uma nova estratégia para a companhia. A empresa, na semana passada, divulgou plano de unificar suas ações e de se listar no Novo Mercado da BM&FBovespá, segmento de mais alto grau de governança corporativa da bolsa. Um novo acordo de acionistas, substituindo o atual, que vence em abril, também deve ser oficializado ainda neste ano, com vigência até novembro de 2020.

Fonte: Valor

Autor: Ivo Ribeiro

Data: 03/03/2017



MINERADORAS CHINESAS PLANEJAM VOLTA APÓS SALTO DO PREÇO DO MINÉRIO DE FERRO

O salto dos preços do minério de ferro pode levar os produtores chineses a reabrir minas fechadas há anos durante um período de baixa do setor, restringindo potencialmente o mercado do maior importador de minério de ferro do mundo para fornecedores marginais estrangeiros.

Um renascimento poderia ajudar as siderúrgicas chinesas a cortar os custos de importação de matérias-primas, aumentando as margens em meio ao aumento dos preços do aço.

Se for produzido mais minério domesticamente, as usinas poderiam utilizar isso como moeda de barganha para conseguir contratos de importação em melhores condições de fornecedores como a Vale, Rio Tinto e BHP Billiton, dizem operadores.

O crescimento do mercado chinês de aço levou o minério de ferro a 94,86 dólares a tonelada no mês passado, maior valor desde agosto de 2014. Com a expectativa de que Pequim estimule os gastos com infraestrutura, o preço da matéria-prima deve subir ainda mais, tornando a produção nacional mais viável.

"Algumas mineradoras de ferro chineses estão planejando uma volta e a reabertura de suas minas", disse Pan Guocheng, chefe da mineradora de tamanho médio China Hanking Holdings Ltd.

Enquanto os preços baixos levaram ao fechamento de mais de um terço da capacidade de produção de minério de ferro da China desde 2013, Pan espera que quase

metade dessas minas volte a funcionar --se o preço permanecer acima de 80 dólares por mais seis meses.

Hanking está considerando agora reiniciar uma das três minas que fechou durante o período de baixa da commodity. "Se o preço ficar alto", disse Pan, "vamos reavaliar seriamente se a mina deve ser reaberta".

Uma onda de reabertura de minas não representará nenhuma ameaça imediata para a Vale, Rio Tinto e BHP Billiton, gigantes que fornecem material de primeira qualidade que é essencial no mix usado em altos-fornos de usinas siderúrgicas.

Além disso, as regras ambientais mais rígidas de Pequim podem tornar a vida difícil para o regresso das minas, alertam os analistas.

Fonte: Reuters

Autor: Manolo Serapio Jr.

Data: 03/03/2017



VALE FINANCIA ESTUDO PARA USAR REJEITO DE MINÉRIO NO ASFALTO

A companhia fechou um acordo com a Universidade Federal de Itajubá (Unifei) e a Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão de Itajubá (Fapepe) para o projeto "Estudo da viabilidade técnica de utilização do rejeito de flotação de minério de ferro em pavimentos asfálticos".

A Vale financiará um estudo de viabilidade do uso de rejeito de flotação de minério no asfalto. O compromisso foi firmado com a Universidade Federal de Itajubá (Unifei) e a Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão de Itajubá (Fapepe). Segundo a Unifei, esse é o primeiro acordo destinado ao desenvolvimento de um projeto de pesquisa que será feito no campus de Itabira, em Minas Gerais.

De acordo com a Unifei, a Vale destinará R\$ 3 milhões para o projeto "Estudo da viabilidade técnica de utilização do rejeito de flotação de minério de ferro em pavimentos asfálticos". O investimento garantirá o desenvolvimento de estudos que visam elevar o status do rejeito de minério para subproduto, tornando-o viável para uso em obras de pavimentação.

O compromisso foi oficializado em uma cerimônia em fevereiro, da qual participaram o professor Marcel Fernando da Costa Parentoni, vice-reitor da Unifei; Luiz Mello, gerente-executivo de Tecnologia e Inovação da Vale; Fernando Carneiro, gerente de Operações da Vale em Itabira; Fabiano Tonucci, gerente de Inteligência Tecnológica da Vale, e o professor Dair José de Oliveira, diretor do campus de Itabira.

Também acompanharam a cerimônia os professores Sérgio Pacífico Soncim, coordenador do projeto, Marconi Oliveira de Almeida e Carlos Augusto de Souza Oliveira, que integram a equipe responsável por desenvolver a pesquisa, junto com a professora Fernanda Maria Belotti.

Para um dos gerentes da Vale, Luiz Mello, a proposta faz parte de uma série de projetos que, no longo prazo, resultarão em investimentos em tecnologia, pesquisa e inovação, e construirão um legado para as futuras gerações.

Já o diretor da Unifei Itabira, professor Dair José de Oliveira, destacou a confiança depositada pela Vale na Unifei para a realização do projeto e ressaltou a união dos parceiros na busca por uma sociedade melhor e sustentável.

O professor Soncim também falou sobre a importância da parceria entre Vale e Unifei e falou sobre o legado tecnológico que será oferecido à universidade. "O projeto prevê a aquisição de equipamentos de tecnologia avançada, que, posteriormente, podem contribuir com outras pesquisas e, até mesmo, dar subsídios para formação de uma pós-graduação ou um mestrado nessa área", declarou.

Fonte: Notícias de Mineração

Data: 02/03/2017



SCIENTISTS DISCOVER WHY WORLD'S RICHEST ORE DEPOSITS WERE FORMED

Scientists have discovered why some of the richest ore deposits on the planet, such as copper, zinc, silver and uranium, were formed in the middle period of Earth's history.

A team of scientists from the University of Tasmania and University of California, led by Emeritus Professor Ross Large from the ARC Centre of Excellence in Ore Deposits (CODES), has shown that the rise of oxygen in the atmosphere 2.3 to 1.8 billion years ago caused not only a change in the evolution of life, but also a dramatic shift from the formation of iron, gold and nickel ore deposits to zinc, silver, copper and uranium ore deposits.

Some of Australia's biggest and richest ore deposits at Broken Hill (zinc-lead-silver), Olympic Dam, (copper-uranium), Ranger (uranium) and Mt Isa (copper-zinc-lead-silver) formed after this switch.

Professor Large and his team have been tracking the level of oxygen in the Earth's ancient atmosphere using a laser-based analytical technology developed in the University of Tasmania laboratories.

The technology helped to determine changes in the chemistry of pyrite (fool's gold) that grew in seafloor muds billions of years ago.

The subtle changes they recorded tracked the ups and downs of oxygen in the ancient atmosphere.

The team has shown that giant ore deposits of gold, iron and nickel formed in the oldest (Archean) rocks when oxygen was very low in the atmosphere and oceans.

In contrast, when oxygen increased dramatically following the Great Oxygenation Event, about two billion years ago, the amount of sulfate and salt increased in crustal fluids and there was a switch to giant deposits of copper, zinc, silver and uranium.

Professor Large believes that the basic reason for the switch is very simple.

"Copper, zinc, silver and uranium are readily mobile in oxygen-rich and salty crustal fluids, which were plentiful during middle Earth history, whereas gold and iron are only mobile in low oxygen crustal fluids, like the most ancient fluids, that preceded the Great Oxygenation Event," he said.

"We now have a much better idea of how oxygen changed in the ancient atmosphere and how this relates to the generation of large and rich ore deposits in ancient rocks.

"Australia has extensive areas of rocks deposited after the Great Oxygenation Event and our research provides a new lead to assist geologists in the discovery of rich deposits of copper, zinc and uranium."

The research was funded by the Australian Research Council and recently published in the journal of Economic Geology at <http://econgeol.geoscienceworld.org/content/112/2/423>

Fonte: Mining

Autor: University of Tasmania

Data: 01/03/2017



MANEJO DO AMIANTO PODE SE TORNAR PROIBIDO NO PAÍS

Projeto do senador Paulo Paim (PT-RS) proíbe a extração, industrialização, importação, transporte e armazenamento do amianto no Brasil, assim como a importação e comercialização de produtos que o utilizem como matéria-prima. O projeto (PLS 30/2017) está na Comissão de Infraestrutura.

Paim lembra, na justificativa da proposta, que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) calcula que ocorram anualmente cerca de 100 mil mortes no mundo relacionadas à exposição ao amianto. Também o Instituto Nacional de Saúde da França teria ainda em 1997 constatado que, somente naquele país, as mortes provocadas pelo amianto giravam em torno de 2 mil por ano, o que levou a França e todas as outras nações da União Europeia a proibi-lo.

"Hoje mais de 40 países já adotaram legislações assim. A proibição concorrerá para a melhoria da saúde da população, principalmente de trabalhadores envolvidos com as atividades de aproveitamento do mineral", argumenta o senador na justificativa.

Paim menciona o posicionamento do médico René Mendes, da Comissão Internacional de Saúde no Trabalho, para quem "a despeito da riqueza de evidências sobre os riscos da exposição ao amianto, a questão tem sido tratada no Brasil com uma miopia leviana e criminoso, marcada pela negligência do poder público. A defesa do significado econômico do mineral, privilégio de poucas empresas, é o que prevalece. O sofisma do "uso seguro" e do "uso controlado" consegue se sobrepor à saúde pública".

Cânceres e insuficiência respiratória

Paim argumenta que as pessoas mais afetadas à exposição ao amianto são os trabalhadores envolvidos nas diversas atividades com ele relacionadas, desde a extração até o uso dos produtos que o contenham como matéria-prima.

"Mas as vítimas do amianto não são apenas os trabalhadores; seus familiares e os moradores de lugares próximos aos locais de extração ou industrialização, além dos usuários, também estão sujeitos a diversas doenças", afirma o parlamentar.

O senador lembra que a indestrutibilidade do amianto é mantida no organismo. Uma vez captada pelo epitélio que reveste o alvéolo pulmonar, nunca mais a partícula é eliminada. O amianto, afirma o senador, é a causa de uma doença irreversível que provoca o enrijecimento do tecido pulmonar e evolui para a insuficiência respiratória grave (asbestose). Ele acrescenta que o amianto pode causar ainda cânceres no pulmão, pleura, peritônio, estômago, rim e outros órgãos.

Eliminação gradual

O projeto estabelece uma gradação na entrada em vigor da proibição, a fim de, explica o senador, permitir que a mineração, a indústria, o comércio e a utilização de produtos de amianto não sofram um "impacto econômico insuportável".

O encerramento das atividades obedecerá aos seguintes prazos, caso a proposta seja aprovada e sancionada: seis meses, para a extração ou obtenção a partir de quaisquer fontes e na importação da forma bruta; um ano, para o transporte da jazida até o local de armazenamento ou industrialização, e para o armazenamento, industrialização e utilização da forma bruta; dois anos, no armazenamento e comercialização pela indústria, e para a importação de produtos que os utilizem como matéria-prima; três anos, no armazenamento e comercialização pelos estabelecimentos atacadistas, dos produtos que os utilizem como matéria-prima; e quatro anos, para o armazenamento e comercialização pelos estabelecimentos varejistas, também de produtos que os utilizem como matéria-prima.

Fonte: Agência Senado

Data: 08/03/2017



IMPLANTAÇÃO DE MINA DE URÂNIO NA BAHIA ESTÁ ACELERADA

A Indústrias Nucleares do Brasil afirma que os trabalhos estão "a todo vapor", com atividades sendo realizados em dois turnos.

As Indústrias Nucleares do Brasil (INB) estão com as obras de infraestrutura para a implantação da Mina do Engenho, em Caetité, na Bahia, em "ritmo acelerado". Segundo a INB, o edital para contratação da empresa que fará a lavra da mina, que tem o objetivo de produzir minério para a fabricação de 260 toneladas anuais de concentrado de urânio, está em fase de finalização.

"Nossa intenção é que não haja interrupção entre uma fase e outra para que a INB volte a produzir e cumprir as metas estabelecidas pela direção da empresa", afirma o gerente de Geotecnia e Lavra, engenheiro Adriano Quadros Lima, em nota.

De acordo com a INB, para a implantação da mina estão sendo realizados desmontes e transporte de rochas, além das obras de infraestrutura e das atividades para atendimento e obtenção das licenças ambientais e de radioproteção necessárias para a implantação da operação.

Segundo a INB, a etapa de decapeamento se refere à remoção da camada de solo que está acima da rocha a ser explorada e que contém o minério a ser extraído, no caso o urânio. No local onde será implantada a futura Mina do Engenho, a altura da camada que está sendo removida varia entre 5 e 25 metros.

Os trabalhos são realizados em dois turnos, de manhã e à noite, sendo os desmontes e o transporte do material retirado executados com a utilização de caminhões e escavadeiras. O minério obtido com o decapeamento será beneficiado e a estimativa é obter 73 toneladas de concentrado de urânio nesta etapa.

A INB afirma que a expectativa de vida da Mina do Engenho é de 15 anos, com produção estimada em 260 toneladas anuais de U3O8, concentrado de urânio, mais conhecido como yellow cake.

Fonte: Notícias de Mineração

Data: 24/02/2017



ZPE JÁ TEM PRIMEIRA INDÚSTRIA DE GRANITO

Companhia fez registro na Junta Comercial para constituir empresa com endereço fixo na ZPE. Outras 19 indústrias de granito assinaram protocolo de intenção para se instalar na ZPE

A Zona de Processamento de Exportação do Ceará (ZPE-CE), no Pecém, já tem a primeira indústria de granito. A companhia, que é uma parceria entre indústrias dos estados do Ceará com do Espírito Santo, realizou registro na Junta Comercial Estado (Jucec). O que significa que está legalmente constituída e com endereço na área de exportação.

Esta é apenas uma das 19 empresas do setor de granito que assinaram protocolo de intenção com o Governo do Estado para se instalar na ZPE. Carlos Rubens Alencar, presidente Sindicato das Indústrias de Mármore e Granitos do Estado do Ceará (Simagran-CE), não detalha nome das empresas, mas diz que há quatro companhias em fase de estudo de projetos para depois iniciar a implantação.

"É uma fase demorada entre a intenção e o gesto efetivamente. O estudo servirá para definir tamanho da unidade, porque as empresas estarão criando uma nova indústria", diz, sem definir prazos para início das instalações.

Apesar de a empresa já estar constituída dentro da ZPE, Carlos diz que não significa que ela irá ficar pronta antes das outras. “E para se constituir empresa, não pode ser filial. Ela terá novo CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas)”, diz.

Sobre o câmbio, que vem caindo, apesar de ter tido a maior alta em três meses, ontem, fechando a R\$ 3,15, o presidente do Simagran-CE diz que as oscilações não atrapalham as empresas do granito. Como o setor é exportador, a atividade não sofre grandes mudanças com variações cambiais.

“Para você ter uma ideia, quando o dólar estava R\$ 1,65, batemos (o setor) recordes de exportação. Quando estava bem superior a R\$ 3, exportamos menos. Então o câmbio não vai influenciar na ida ou não das empresas para a ZPE, porque o caráter delas é exportador”.

A possibilidade é que as empresas que exportem 60% da sua produção, em outra unidade, constituam-se na ZPE com o tamanho exato para que esses 60% se transformem em 100% na área de exportação. “Hoje exporto 10 mil metros na minha unidade. Crio lá na ZPE uma unidade de 10 mil metros.

Instalação

Esse ano, apenas empresas do setor de granito vão iniciar instalação na ZPE. Mário Lima Júnior, presidente da ZPE, diz que outros setores, como de autopeças, necessitam ainda da implantação da infraestrutura para virem para a área.

“Esse ano é o início de implantação e os outros potenciais que têm para a ZPE ficaram para o próximo ano. Porque estamos construindo a infraestrutura, pavimentando pátio, fazendo cercamento, instalando câmeras, balanças de controle, conseguindo o gate de controle, instalações de comunicação e informática para interligação com a Receita Federal”, explica.

Mário diz que o setor de granito quem vai iniciar a implantação dessa infraestrutura aduaneira. “Os benefícios fiscais só serão auferidos com o alfandegamento da área, que vai se dar concomitantemente com a construção da infraestrutura”, afirma.

Fonte: O Povo

Data: 03/03/2017

The logo consists of the word "EXAME" in a large, white, serif font, followed by ".COM" in a smaller, white, sans-serif font. The entire logo is centered within a solid red rectangular background.

MINEIROS BLOQUEIAM ESTRADAS APÓS 21 DIAS DE GREVE NO CHILE

Os trabalhadores da mina Escondida, a maior produtora de cobre do mundo, protestam contra a redução de salários e cláusulas discriminatórias em contratos

Os trabalhadores da mina Escondida, a maior produtora de cobre do mundo, bloquearam nesta quarta-feira (01/03) várias vias de acesso ao completar 21 dias em greve.

Um grupo de manifestantes bloqueou as rotas colocando fogo em pneus e a ação impediu a passagem de veículos por algumas horas, até que a polícia conseguiu retirar as barricadas.

Cerca de 1.200 trabalhadores que pedem um aumento salarial acamparam nos arredores complexo localizado no norte chileno e é operado por uma sociedade que tem a australiana BHP Billiton como principal acionista.

Os funcionários protestam pela redução de seus salários em até 300 dólares e cláusulas discriminatórias em contratos para novos trabalhadores.

Também pedem um reajuste de 7% e um bônus de até 39.000 dólares.

Os 2.500 trabalhadores de Escondida reuniram um fundo de 389.000 dólares para esta greve que, preveem, será “longa e duradoura”. Em 2006 uma greve nesta mina durou 26 dias.

A BHP Billiton suspendeu a produção por 15 dias e pediu aos trabalhadores que evitassem a violência.

A greve poderia afetar o preço do cobre, que esteve em seus menores níveis durante os últimos quatro anos devido à diminuição das aquisições da China, maior importador mundial.

Analistas indicaram que se a greve se prolongar por um mês, provocará diminuição de 0,2% no já enfraquecido PIB do país.

Em 2016, as exportações do cobre chileno, principal fonte de divisas do país, caíram 8,9% pela baixa dos preços.

Fonte: Exame

Autor: AFP

Data: 01/03/2017



MINÉRIOS CRIADOS PELA ATIVIDADE HUMANA INDICAM NOVA ERA GEOLÓGICA

Dos 5208 minerais conhecidos, 208 surgiram nos últimos 200 anos pela atividade humana. E isso deixará nossa assinatura no solo para os geólogos do futuro

Não há dúvidas de que atividade humana mudou a dinâmica da vida na Terra nos últimos 200 anos. Nós já jogamos 100 milhões de toneladas de plástico no Oceano Pacífico – o suficiente para formar uma espécie de ilha artificial –, e extinguímos milhares de espécies de animais, entre elas o singular tigre-da-tasmânia (até as girafas e os urubus já estão na mira). Mesmo assim, ainda há quem negue fenômenos como o aquecimento global.

Achou demais? Bem, acabamos de dar o próximo passo. Um grupo de pesquisadores da Carnegie Institution for Science, nos Estados Unidos, está no caminho de decretar uma nova era geológica marcada pela influência humana: o antropoceno. Eles descobriram que dos 5208 tipos de minerais que são reconhecidos oficialmente

pela Associação Mineralógica Internacional, 208 surgiram após a Revolução Industrial por nossa influência. Uma explosão de variedade tão grande em tão pouco tempo que até supera até o último grande fenômeno espontâneo de criação de minerais registrado: um pico na concentração de oxigênio da atmosfera há cerca de 2,3 bilhões de anos que, literalmente, enferrujou todo o planeta. “Não há nada parecido nos 4,5 bilhões de anos de história da Terra”, afirmou Robert Hazen, um dos membros da equipe, ao The Guardian. “Compare 250 anos com 2 bilhões de anos. É a diferença entre um piscar de olhos... e um mês.”

Na lista de novos minerais estão bizarrices como a chalconatronita, uma espécie de crosta azul brilhante que surge em artefatos arqueológicos de cobre encontrados no Egito, e a andersonita, que é amarelo-fluorescente como um marcador de texto, leva urânio na receita e pode ser encontrada nas paredes de túneis de mineração. O SS Cheerful, navio que afundou na costa da Inglaterra em 1885, viajava carregado de lingotes de estanho, que em contato com a água salgada formaram um mineral chamado abhurita. E a calclacita nasce do contato de minerais guardados em gavetas de museu com a madeira desses móveis – até no lugar que preserva o passado a natureza dá um jeito de inovar.

No artigo científico, a equipe afirma que esses casos curiosos, em um futuro muito distante, formarão uma camada muito reconhecível e distinta nos registros estratigráficos. Em outras palavras, quando tudo que você conhece estiver enterrado, a “fatia” de rocha que corresponde ao nosso período de dominação na Terra estará cheia de características que denunciam nossa passagem por aqui. “Três tipos de atividade humana afetaram a distribuição e a diversidade de minerais na Terra de tal forma que isso possa se refletir nos registros estratigráficos mundiais”, afirmam os autores. “A mais óbvia é a ocorrência de compostos minerais sintéticos. A segunda é a redistribuição de minerais próximos à superfície pela remoção de grandes quantidades de pedras e sedimentos (mineração). Finalmente, os humanos foram muito eficientes em redistribuir pedras preciosas por todo o globo.”

Como a identificação oficial de uma era geológica depende muito do conjunto de minerais característicos de um período, especialistas entrevistados por diversos veículos concordam que o rótulo “antropoceno” – que ainda não é oficial – está a cada dia mais próximo de ser adotado de vez pela escala de tempo geológico, e que o novo estudo dá ainda mais estímulo para a iniciativa.

Fonte: Super Interessante

Autor: Bruno Vaiano

Data: 03/03/2017



RECUPERAÇÃO DE PREÇOS DE COMMODITIES CONTRIBUIU PARA SUPERÁVIT COMERCIAL

A recuperação dos preços das commodities (produtos básicos com cotação internacional) contribuiu para o aumento das exportações brasileiras e, consequentemente, para o saldo positivo da balança comercial em janeiro e fevereiro.

No primeiro bimestre deste ano, a balança acumula saldo positivo de US\$ 7,3 bilhões, maior resultado para o período desde o início da série histórica, em 1989.

Segundo o secretário de Comércio Exterior do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, Abrão Neto, uma parcela do movimento de alta de preços é explicada pela base de comparação baixa. “Parte dessa explicação deve-se a uma base de comparação muito baixa no ano passado, mas há de fato uma recomposição parcial nos preços das commodities minerais”, destacou Neto.

O petróleo bruto e o minério de ferro, exemplos de commodities minerais, registraram respectivamente alta de 75,1% e 131,7% nos preços no primeiro bimestre deste ano em relação a igual período de 2016. Já o volume exportado subiu 61,3%, no caso do petróleo, e caiu 3,1%, no do minério de ferro.

“A alta do preço do petróleo parece ter consistência, em razão dos acordos entre os produtores. No caso do minério de ferro, é preciso observar por um pouco mais de tempo para saber a consistência desse aumento”, disse Abrão. A alta nas exportações de petróleo bruto contribuiu para uma conta-petróleo positiva no início deste ano, com superávit de US\$ 1,8 bilhão.

Preço e quantidade

Outras commodities cujos preços subiram no primeiro bimestre foram soja (12,7%), carne de frango in natura (21,2%), café em grão (19,2%) e milho (2,9%). Enquanto o volume embarcado de soja e frango aumentou, respectivamente 77,3% e 6,3%, a quantidade embarcada de café recuou 9,8%. Em relação ao milho, o volume e o valor exportados caíram cerca de 80%, em razão da quebra de safra.

Também houve alta de preços e volume exportado em produtos industrializados, caso dos automóveis de passageiros e veículos de carga. No primeiro caso, o preço aumentou 2,1%, e o total vendido para o exterior cresceu 27,4%. No segundo, o preço foi 4,5% maior em relação ao do primeiro bimestre de 2016, e o volume vendido subiu 52,7% no mesmo período de comparação.

No geral, as exportações brasileiras registraram alta de 21,5% nos preços no primeiro bimestre deste ano na comparação com os dois primeiros meses do ano passado. O volume exportado recuou 0,9% no mesmo período. É uma situação inversa em relação à verificada em 2016, quando os preços das commodities estavam em queda e a quantidade exportada de algumas compensava o movimento.

Importações

Do lado das importações, a situação também está diferente este ano. As compras do Brasil no exterior tiveram, em fevereiro, o terceiro mês consecutivo de alta. Em 2016, o país registrou superávit comercial anual recorde – de US\$ 47,69 bilhões – mas exportações e importações estavam em queda. O saldo positivo só ocorreu em razão do recuo mais intenso do lado das importações.

Nos dois primeiros meses deste ano, o preço dos produtos importados ficou estável – alta de 0,1% ante igual período de 2016 – e o volume registrou alta de 9,2%. De acordo com Abrão Neto, o principal motivo para essa recuperação é o reaquecimento da economia brasileira.

“O aumento das importações está muito relacionado a um aumento da demanda interna, pelo perfil dos setores que cresceram: combustíveis e bens

intermediários. Esse terceiro crescimento mensal e de bens intermediários nos indica um sinal importante de aquecimento da economia”, avaliou.

O secretário de Comércio Exterior reafirmou que, para este ano, o ministério prevê superávit no mesmo patamar dos US\$ 47,69 bilhões registrados em 2016. “Pode ser um pouco mais ou menos”.

Fonte: EBC Agência Brasil

Autora: Mariana Branco

Data: 02/03/2017



TEOR DE ZINCO E PRATA EM ARIPUANÃ É MAIOR QUE O ESPERADO

O projeto polimetálico Aripuanã, no Mato Grosso, tem teores de zinco, prata e chumbo ainda maiores. As sondagens continuam.

A Karmin Exploration, sócio da Votorantim Metais no projeto polimetálico Aripuanã, disse na segunda-feira (6) que os teores de zinco, chumbo e prata, são significativamente maiores no empreendimento. Os dados fazem parte do relatório técnico preparado pela RPA para o empreendimento que fica a 25 quilômetros da sede de Aripuanã (MT). O documento foi arquivado junto aos órgãos reguladores do Canadá, onde a Karmin tem ações negociadas.

Segundo o relatório, os recursos minerais medidos e indicados de Aripuanã, que são da ordem de 18,6 milhões de toneladas, tiveram aumento de teor de zinco, em 31%; de chumbo, em 40%; e de prata, em 39%. No caso dos recursos inferidos, os aumentos foram de 12%, 20% e 30%, respectivamente para zinco, chumbo e prata.

"Os aumentos nos teores são comparados àqueles relatados em comunicado da Karmin de 21 de fevereiro de 2013. Os recursos minerais atualizados foram estimados pela Votorantim Metais e revisados pela RPA". A RPA, com sede no Canadá, é especializada na aferição de estimativas de recursos e reservas, tendo como clientes governos, bancos, grandes mineradoras e juniores.

Com os novos resultados, os recursos medidos e indicados de Aripuanã, contém 2,1 bilhões de libras de zinco, cerca de 952 mil toneladas; 790 milhões de libras de chumbo; 157 milhões de libras de cobre; 252.000 onças de ouro e 29.773.000 onças de prata. Sem considerar a taxa de recuperação desses metais, ou estimativas de reservas, o volume de prata tem valor, pela cotação de ontem na LME, de aproximadamente US\$ 518 milhões. Enquanto que o zinco valeria, ao preço de ontem, US\$ 2,6 bilhões.

No caso dos recursos inferidos, o estudo considera que podem haver 1,8 bilhão de libras de zinco, 699 milhões de libras de chumbo; 120 milhões de libras de cobre; 607.000 onças de ouro; e 25.259.000 onças de prata.

"A Votorantim informou a Karmin que a avaliação de Aripuanã vai continuar ao longo de 2017 e que, atualmente, sete plataformas de sondagem estão em operação na propriedade. O depósito continua ainda aberto ao longo e em profundidade das

camadas mineralizadas", diz a nota, sugerindo que os recursos podem ser ainda maiores.

Fonte: Notícias de Mineração

Data: 08/03/2017



SCIENTISTS FIND NEW WAY TO EXTRACT URANIUM FROM SEAWATER

A group of scientists from Stanford University is working on a new method to extract uranium from the ocean, which could be particularly useful in areas with no uranium mines but that need the material to power nuclear plants.

The team's main goal is to come up with a much more environmentally friendly alternative to extracting the radioactive material than the current mining techniques, according to a statement.

While the presence of traces of uranium in seawater has been a known fact for years, the amounts present are very low and difficult to extract. But if the researchers at Stanford University can prove their method is cost effective, the situation could quickly change.

"Concentrations are tiny, on the order of a single grain of salt dissolved in a liter of water," Yi Cui, one of the researchers, said in the statement. "But the oceans are so vast that if we can extract these trace amounts cost effectively, the supply would be endless."

When uranium comes in contact with the oxygen from the ocean, it forms the compound uranyl. The team plans to collect the vast supplies by using amidoxime, a compound that would pull only uranyl from the water. The amidoxime coats a pair of carbon electrodes, which are able to accumulate large amounts of the uranyl that could then be sent off for processing.

The scientists put their method to the test and found they were able to extract three times as much uranyl in an 11-hour period compared to their previous method of using only an amidoxime-coated brush. The new method also sustained the electrodes for future uses.

Despite the team's success, there is a long way to go before large-scale application. To be commercially viable, the benefits of the extraction method must outweigh its costs. The process also needs to be streamlined to treat large quantities of water. "We have a lot of work to do still but these are big steps toward practicality," Cui concludes.

If successful, the method could make of nuclear power generated with uranium extracted from seawater a renewable energy, as it's continuously replenished, just as solar, hydro and wind.

The researchers' findings have been published in the journal Nature.

Fonte: Mining

Autora: Cecilia Jamasmie

Data: 24/02/2017



PRODUTO DA LARGO QUALIFICADO PARA ÁREA AEROESPACIAL

A Largo Resources anunciou que o pentóxido de vanádio foi qualificado para uso de um produtor norte-americano de ligas para a indústria aeroespacial. Estão em andamento ensaios de qualificação adicionais em produtores mestres de liga na Europa e na Rússia.

O pentóxido de vanádio de alta pureza é utilizado na produção de ligas de vanádio utilizadas pela indústria global de ligas de titânio. As ligas baseadas em vanádio são materiais críticos, não substituíveis e utilizados na produção de várias ligas de titânio para aplicações aeroespaciais, industriais e outras.

A qualificação do produto da Largo é um grande avanço no fornecimento de pentóxido de vanádio de alta pureza para a indústria de titânio global.

Para a Largo Resources, a qualificação é um passo importante para garantir que seu produto se torne o produto de escolha em aplicações de valor agregado para o pentóxido de vanádio, incluindo aplicações na indústria de titânio, indústrias químicas e de catalisadores e no desenvolvimento de mercados de armazenamento de energia. Mark Smith, Presidente e Diretor Presidente da Largo, afirmou: "Agora que a Mina Maracás Menchen demonstrou operações estáveis e consistentes, está pronta a se beneficiar da venda de seus produtos de vanádio em setores de mercado de margens mais altas". Além disso, ele comenta que os preços do vanádio irão se fortalecer em 2017. "Estou muito satisfeito com a qualificação do nosso material para uso pela indústria de ligas e estamos ansiosos para fornecer o segmento de aplicação de especialidade para os próximos anos".

Fonte: Brasil Mineral

Data: 01/03/2017



PIMENTEL CONFIRMA VOLTA DA SAMARCO NO SEGUNDO SEMESTRE

O governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel (PT), reiterou que a mineradora Samarco deverá voltar a operar no segundo semestre. A reativação da empresa, pertencente à Vale e à BHP Billiton, depende de licenças estaduais.

Na semana passada, durante teleconferência para comentar o balanço de 2016, o presidente da Vale, Murilo Ferreira, já havia dito que a retomada das operações da Samarco estava prevista para o terceiro trimestre.

Parada desde a tragédia ocorrida em novembro de 2015, quando uma de suas barragens de rejeito de minério de ferro se rompeu da cidade de Mariana (MG), a Samarco planeja voltar a funcionar com 60% de sua capacidade.

Para isso, no entanto, precisa da aprovação de órgãos ambientais de Minas Gerais para operar um depósito provisório de rejeito. O pedido está sob análise da Secretaria de Estado de Meio Ambiente. O parecer a ser emitido pela secretaria será, então, avaliado por um segundo órgão, o Copam, um conselho formado por representantes do governo e da sociedade. É esse órgão que dá a palavra final das licenças.

“O que nós podíamos fazer, nós fizemos, que foi alterar a legislação”, disse Pimentel ao Valor. “A alteração permite tramitar paralelamente duas etapas da licença. A licença prévia e a licença de instalação ao mesmo tempo. Isso já é um sucesso extraordinário porque ganha-se um tempo enorme”, comentou.

“Pelo que estou vendo no Copam, acredito que até meados do ano essas licenças serão concedidas. Aí a licença de operação [que é a que efetivamente permite o reinício das operações] é logo subsequente”, afirmou o governador.

“Então, não querendo ser otimista demais, sendo realista, quero crer que no segundo semestre deste ano a Samarco opere de novo, sem atropelar nada. ”

Além das licenças do depósito provisório — que a Samarco quer instalar não em uma barragem, mas em uma cava de seu complexo de mineração em Mariana —, a empresa também precisa de novas licenças para todo o empreendimento.

Em dezembro, o presidente da Samarco, Roberto Carvalho, disse ao Valor que trabalhava com a perspectiva de retomada no segundo semestre. Antes, a empresa chegou a prever que estaria operando em fins de 2016.

Pessoas que acompanham a situação financeira da Samarco dizem que, até então, detentores de títulos da empresa no exterior e bancos credores têm considerado que há ainda muita incerteza em relação à retomada das operações. A declaração de Pimentel — ainda que cautelosa — pode reforçar a percepção de que há uma previsão mais clara para a mineradora.

A tragédia provocada pelo rompimento da barragem de Fundão deixou 19 mortos e danos ambientais sem precedentes no país.

Fonte: Valor

Autor: Marcos de Moura e Souza

Data: 01/03/2017